**CONCEIÇÃO EVARISTO E A TESSITURA DE PROJETO LITERÁRIO: A ANTESSALA DE *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES***

**CONCEIÇÃO EVARISTO AND THE FABRIC OF A LITERARY PROJECT: THE ANTECHAMBER OF *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES***

Vanessa Massoni da Rocha[[1]](#footnote-1)

Luciely da Silva[[2]](#footnote-2)

**RESUMO**

Este artigo se propõe a estudar o projeto literário de Conceição Evaristo e a trajetória percorrida no processo de escrita de *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Objetiva-se friccionar escritos e descortinar paradigmas que compõem a teia literária evaristiana para rechaçar o demérito que a crítica literária emprega às suas obras ao classificá-las como meramente testemunhais. Para tanto, o artigo organiza-se em três partes: “Colher palavras: breves diálogos entre verdade e fabulação” e “Os (des)caminhos da produção literária de Conceição Evaristo: o ofício e o depoimento em xeque” e “A antessala e a urdidura literária evaristiana em *Insubmissas lágrimas de mulheres”.*

**Palavras-chave:** literatura afro-brasileira, Conceição Evaristo, tessituras insubmissas, projeto literário evaristiano.

**ABSTRACT**

This article proposes to study the literary project of Conceição Evaristo and the trajector in the writing process of *Insubmissas tears of women*. The aim is to rub these writings and uncover the paradigms that make up the Evaristian literary web to reject the demerit that literary criticism applies to their works by classifying them as merely testimonials. To this end, the article is organized into three parts, namely: “Gathering words: brief dialogues between truth and fiction” and “The (dis)paths of Conceição Evaristo’s literary production: the craft and the testimony in check” and “ The antechamber and the Evaristian literary fabric in *Insubmissas tears of women*”.

**Keywords:** afro-brazilian literature, Conceição Evaristo, unsubmissive textures, evaristian literary project.

Sempre falo que não faço literatura marginal nem social. Eu faço literatura.

 (Cristiane Sobral)

Neste artigo, pretende-se analisar a estrutura do projeto literário de Conceição Evaristo e os caminhos que conduzem à obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011). Para tanto, o estudo se atém à tese de que o depoimento concedido pela autora dois anos antes, no âmbito do I Colóquio de Escritoras Mineiras, na Faculdade de Letras da UFMG, pode ser vislumbrado como antessala de escrita da recolha de contos. Para além disto, nestes escritos desfilam paradigmas que serão aprofundados posteriormente no âmbito literário evaristiano, o que traz à tona a meticulosa urdidura de sua produção e a legitimação de seu fazer literário. Este procedimento textual rechaça o demérito que parte da crítica literária insiste ou insistiu longamente em acordar à obra da autora, cujo ofício se vê comumente cantonado ao âmbito não prestigioso, pois não intelectual nem fabulatório, do testemunho.

Nestes termos, este artigo se organiza em três partes intituladas “Colher palavras: breves diálogos entre verdade e fabulação” e “Os (des)caminhos da produção literária de Conceição Evaristo: o ofício e o depoimento em xeque” e “A antessala e a urdidura literária evaristiana em *Insubmissas lágrimas de mulheres”.* A primeira parte se dedica aos pactos ambíguos de narração que convidam para a cena literária evaristiana tanto a pretensa verdade quanto a fabulação. Em seguida, nossas atenções se voltam para as passarelas e distopias entre o ofício e o depoimento, elementos aparentemente autoexcludentes que são colocados à prova e ressignificados na tessitura de Conceição Evaristo. Por fim, a última e mais extensa parte busca demonstrar como se tece a escrita evaristiana em *Insubmissas lágrimas de mulheres* a partir de um corpo-a-corpo com o texto, no qual ganha destaque a análise das temáticas do pranto, das flores e do céu. Trata-se de retraçar alguns fios que apontam para a circularidade da obra de Conceição Evaristo, o que não deixa dúvidas acerca de sua acurada habilidade de produzir literatura.

**Colher palavras: breves diálogos entre verdade e fabulação**

De acordo com Evaristo (2007), o surgimento de sua escrita pauta-se, sobretudo, na experiência que tivera com a oralidade desde sua infância primeira, uma aprendizagem cultuada e transmitida no berço familiar. A autora enfatiza que não nasceu rodeada de livros e que aprendera, desde criança, a “colher palavras” (EVARISTO, 2009) por ter crescido em um lar vazio de bens materiais, porém preenchido pela fala de seus familiares. “Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia” (EVARISTO, 2009). Evidencia-se, portanto, que a oralidade para a autora é, para além de uma prática ancestral difundida no âmbito familiar, um ponto importante na construção de seu fazer literário, onde adota “fortes marcas de um outro modo de narrar histórias” (NASCIMENTO, 2019, p. 108).

Fiel a este exercício e às transgressões proporcionadas pela literatura, Evaristo ocupa-se em ouvir e registrar narrativas pouco valorizadas, fadadas ao esquecimento graças ao alcance limitado pelo cânone literário. A jornada em busca dessas memórias tem como combustível seu desejo (EVARISTO, 2020) e prazer de escuta (EVARISTO, 2020), prática que desafoga suas próprias carências ao acolher as histórias e necessidades de suas semelhantes (EVARISTO, 2020). Na ocasião do I Colóquio de Escritoras Mineiras, nota-se como o seu desejo em “eternizar o efêmero” (EVARISTO, 2009) culmina na escrita de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, obra protagonizada por relatos de mulheres negras. Publicado inicialmente em 2011 pela editora mineira Nandyala, o romance integra em 2016 o portfólio da editora carioca Malê, atingindo em poucos anos uma vendagem significativa que tornou possível sua quarta edição.

A escuta irrompe ainda como ponto de partida para seu exercício de escrita, uma vez que, para inventar uma história como sendo sua, precisa provocar a fala das pessoas para escrever tudo depois (EVARISTO, 2020). Quando declara que a ficção encontrada nos livros resolvia as limitações provocadas pela pobreza econômica e que absorveu de suas mais velhas “a mania de buscar a alma, o íntimo das coisas” (EVARISTO, 2009, s/p), a autora comprova seu interesse em escutar mulheres para permitir que seus “corpos-história” (EVARISTO, 2020, p. 69) não apenas sobrevivam, mas também ocupem um espaço antes inviabilizado. No entanto, impossível seria tanto para as depoentes quanto para a narradora-ouvinte descrever tais lembranças do modo exato como foram experienciadas. Neste sentido, no depoimento acima referido, Evaristo indica que apesar das memórias subsistirem, sofreram influências externas e internas do momento de sua ocorrência até serem confessadas àquela que as ouve.

Ademais, a narradora-ouvinte, “na tentativa de recompor esse tecido esgarçado ao longo do tempo” (EVARISTO, 2009, s/p) altera os discursos quer seja por confundi-los com sua Escrevivência quer seja para satisfazer o espaço deixado pelo esquecimento. Portanto, Conceição Evaristo escreve sabendo que persegue uma sombra, um vestígio (EVARISTO, 2009) e, a par das memórias individuais por ela colhidas, inventa, pois “entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta” (EVARISTO, 2020, p. 10). Tal fricção entre o “real” e o ficcional dá vida ao pacto de leitura proposto pela autora no antetexto da obra em questão, uma vez que sugere o próprio livro como depoimento e o circunscreve no limiar existente entre depoimento e invenção.

Esse artifício literário faz eco ao proposto por Nancy Huston (2010) em seu estudo sobre a fabulação humana e a construção de narrativas. A autora defende a existência do real-ficção, fundamento desenvolvido pela espécie humana, pois, impelidos pela necessidade de atribuir sentidos à realidade, “apenas nós fantasiamos, extrapolamos, tricotamos histórias para sobreviver – e acreditamos cegamente nelas” (HUSTON, 2010, p. 10). Além disso, a canadense postula que:

A nossa memória é uma ficção. Isso não significa que ela seja falsa, mas que, mesmo não sendo solicitada, ela passa o tempo todo ordenando, associando, articulando, selecionando, excluindo, esquecendo, ou seja, construindo, fabulando. (HUSTON, 2010, p. 14)

Logo, a realidade adotada por Evaristo em sua obra desfruta, sem cessar, de narrativas que “são reais, já que fazem parte da nossa realidade” (HUSTON, 2010, p. 11), mas não são verdadeiras, uma vez que toda a existência humana é uma ficção.

O livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* apresenta treze contos intitulados pelo nome de cada protagonista, treze mulheres que relatam suas histórias a uma narradora-ouvinte vista por elas como uma “igual” (EVARISTO, 2020, p. 9). Conceição Evaristo acolhe estas “vozes-mulheres” (EVARISTO, 2017, p. 24), seus temores, as dores vividas e desejos outrora reprimidos, o que ressignifica trajetórias marcadas por múltiplos sofrimentos. Dessa forma, a narradora acaba por introduzi-las ao “prazer intenso de ser mulher” (EVARISTO, 2020, p. 78). Eis o que fala a escritora acerca da notável presença feminina em suas obras:

Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós era talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma nação machista, primeiro a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como ‘cabeça’ da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo. (EVARISTO, 2005, p. 4)

 Entregue a essa missão, a autora conecta voz ficcional e voz autoral, reafirmando o compromisso de falar de sua terra, sua casa primeira, seus pais, sua família, sua vida (EVARISTO, 2020, p. 47) de um modo pouco visto antes, posto que pertence a um grupo étnico-social marginalizado nos âmbitos editoriais e críticos brasileiros. Por fim, a obra pode ser vislumbrada como um alento da autora para o seu eu-menina que vagava pelas ruas de Belo Horizonte (EVARISTO, 2009), a reafirmação para si mesma de que sua escrita traz para a superfície histórias anteriormente encobertas.

**Os (des)caminhos da produção literária de Conceição Evaristo: o ofício e o depoimento em xeque**

Maria da Conceição Evaristo de Brito, escritora afro-brasileira nascida em Belo Horizonte e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, teve seu primeiro poema publicado em 1990 nos *Cadernos Negros*, editados pelo grupo paulista Quilombhoje. No entanto, ainda que esta tenha sido a estreia da autora mineira no campo literário, o início de suas produções remonta a 1958 quando, ao terminar o primário, ganha seu primeiro prêmio de literatura ao vencer um concurso de redação com o título “Por que me orgulho de ser brasileira”. À primeira vista, a recuperação dessa memória pode parecer pouco importante, uma vez que se trata de um evento comum entre crianças e adolescentes em uma escola normal em Minas Gerais. Por outro lado, analisando o *corpus* literário das produções de Conceição Evaristo, nota-se o lugar de prestígio que as vivências pessoais ocupam em sua escrita, sobretudo no que diz respeito à subversão da outridade que limitava os corpos negros.

Em uma entrevista concedida em 2018 ao site *Brasil de Fato*, a autora declara sua preocupação em trazer para a cena literária tais temas, ao dizer que: “Há toda uma herança histórica do povo negro presente no meu texto como memória, retomando alguns fatos, ou como acontecimentos do cotidiano” (EVARISTO, 2018). Contudo, a cor da pele nunca fora para Evaristo uma questão incômoda. Muito pelo contrário. Desde sempre, ela se deparou com a necessidade de reivindicar sua negritude. Em sua certidão de nascimento, fora identificada como parda, tonalidade a qual “não atinava qual seria” posto que, como a autora afirma: “Sabia sim, sempre soube que sou negra” (EVARISTO, 2009). Para além disso, ainda em sua infância de mulher negra e pobre despontam dificuldades e batalhas que se intensificaram no ofício de escritora.

 Em depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras (2009), Evaristo alude ao desconforto do racismo e do convívio entre classes:

Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres (...) Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios. Entretanto, ao ser muito bem aprovada da terceira para a quarta série, para minha alegria fui colocada em uma sala do andar superior. Situação que desgostou alguns professores. Eu, menina questionadora, teimosa em me apresentar nos eventos escolares, nos concursos de leitura e redação, nos coros infantis, tudo sem ser convidada, incomodava vários professores, mas também conquistava a simpatia de muitos outros. (EVARISTO, 2009)

De lá para cá, com os mesmos questionamentos e teimosia da infância, resistiu para ocupar o lugar que lhe pertence na literatura brasileira, ainda que sua escrita (artigos, romances, poemas e contos) se atreva a “divergir das ideologias dominantes em suas realidades sociais e questioná-las” (DIAS, 2012, p. 19). Por ser um símbolo da “oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou” (ADICHIE, 2019, p. 28), a autora se consolida como objeto de estudo tanto na escola básica, uma vez que *Insubmissas lágrimas de mulheres* figura no Programa Nacional do Livro Didático de 2021, quanto em vestibulares, universidades brasileiras e do exterior, o que movimenta novas edições de suas obras e motiva a tradução das mesmas em outros países, como, por exemplo, os Estados Unidos e a França.

Além disso, Conceição Evaristo recebeu diversas condecorações, tais como o prêmio Jabuti de Literatura de 2015, na categoria Contos e Crônicas, por *Olhos D’Água*, os prêmios Faz a Diferença - Categoria Prosa, de 2017; Prêmio Cláudia - Categoria Cultura, de 2017; e o prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais em 2018. Ressalta-se igualmente a moção popular vista nos últimos anos (cartas-manifesto e abaixo-assinados com mais de 40 mil assinaturas) favorável ao reconhecimento de Conceição Evaristo como uma das imortais da Academia Brasileira de Letras. O movimento uniu artistas, intelectuais, admiradores, veículos de comunicação e outros, um coro expressivo, porém incapaz de garantir a entrada de Evaristo no “clube de amigos” (FILHO, 2018).

Do mesmo modo, a despeito do currículo extenso, de suas obras memoráveis e da importância de Evaristo para a perpetuação da literatura (afro-)brasileira, a autora é vítima de tentativas reiteradas de descrédito de seu valor enquanto intelectual brasileira. Em outras palavras, incide sobre suas produções um flagrante reducionismo para o qual “nem mesmo a trajetória literária/profissional servira como credencial” (DIAS, 2012, p. 32). Não raro, suas obras são cantonadas à alcunha de produções meramente testemunhais, desprovidas do rigor literário típico dos bons escritores – lê-se homens, brancos, moradores dos grandes centros urbanos e de classe média (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 18). Nestes termos, Cristiane Sobral, em trecho acolhido na epígrafe deste artigo, faz questão de precisar, de forma veemente, que é escritora e que produz literatura; uma literatura alvo de adjetivos caricaturais por representar no campo literário brasileiro “pobres, negros e moradores de regiões periféricas nas grandes cidades” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 19).

Acredita-se que tal situação esteja atrelada a dois pontos determinantes: o discurso enunciado e o enunciador. Em primeiro lugar, o discurso literário enunciado pela escritora surge como narrativa que “tem suas condições de produção marcadas por um horizonte histórico-social específico” (DIAS, 2012, p. 28), uma vez que nela incorpora suas vivências individuais e coletivas, refletidas quer seja na sua própria figura quer seja na figura de seus ancestrais, mães, avós, irmãs, pais, tios etc. Em segundo, nota-se que Evaristo goza de uma carreira e um talento literário inegáveis, embora não sejam suficientes para se afastar da crítica de que quem escreve é uma mulher afro-brasileira; logo, para eles: “ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa… é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito” (EVARISTO, 2010, s/p).

Isto posto, nossa intenção consiste não apenas em mostrar que a referida autora desenvolveu um projeto de escrita sólido, mas analisar os caminhos literários tecidos por ela para dar vida às *Insubmissas lágrimas de mulheres*. A literatura produzida por Evaristo tem como pano de fundo a “Escrevivência”, premissa, posteriormente reivindicada como conceito pela crítica literária, cunhada para acolher, em suas produções literárias, vozes, dores e amores de homens e mulheres negras, promovendo assim “a desconstrução de imagens e alteração dos lugares reservados aos corpos negros” (FERREIRA, 2021, p. 252). Nesses termos, a escritora vai de encontro ao discurso canônico-colonizador e demarca sua literatura como instrumento para “subverter no íntimo de suas narrativas o sistema opressor ainda em exercício” (OLIVEIRA; SAMPAIO, 2021, p. 21). Trata-se de uma escrita para incomodar os da casa-grande, aqueles que “esperavam certa passividade de uma menina negra e pobre, assim como da sua família” (EVARISTO, 2009). Desse modo, parte da recepção do projeto de escrita de Conceição Evaristo consiste em questionar a grandeza literária da autora, como se vê na análise de Ilcemara Farencena, Olívia Silva e Maria Perla Morais (2019, p. 140):

A percepção de Linda Hutcheon é reforçada por Regina Dalcastagnè, quando a professora diz que a escritora Conceição Evaristo destoa do perfil dos escritores consagrados e representativos da literatura brasileira. Daí entendermos porque sua legitimidade e presença são constantemente questionadas pela crítica literária, o que reforça a carência na narrativa brasileira contemporânea de representantes das classes populares, tanto como produtores quanto personagens representativos delas.

Soma-se à leitura das pesquisadoras o fato incontestável de que as falas públicas de Conceição em diferentes eventos acadêmicos/culturais são denominadas como depoimentos. Se, por um lado, tal nomenclatura pode flertar com o imaginário ancestral das contadoras de histórias de matriz africana, por outro lado, as falas ganham conotações de testemunho de cunho pessoal apartados do reconhecimento intelectual. Tal fenômeno não ocorre, por exemplo, com outros escritores contemporâneos de Evaristo.

Cabe ressaltar que, enquanto gênero textual, o depoimento apresenta fatos reais vividos e narrados por uma pessoa sem perder de vista dado efeito didático. O texto deve conter elementos básicos, como fatos sequenciais, ordenados no tempo e no espaço, que contextualizam a narração da pessoa em questão. Faz-se uso de verbos e pronomes, majoritariamente, em primeira pessoa. Contudo, a ancoragem das narrativas engendradas por Evaristo nesse gênero manifesta-se como um demérito de sua empreitada literária, pois rebaixa o potencial ficcional-testemunhal de suas obras a uma variante apenas tolerável da cultura: o relato, a literatura de testemunho. Por definição, segundo Maciel (2016, p. 75):

o testemunho é uma possibilidade de apresentar relatos com um peso traumático e inarrável, levantando questões e dando voz às narrativas de minorias, de sobreviventes de holocaustos e de outras formas de genocídio, repressão e violação dos direitos humanos.

De fato, a narrativa construída por Conceição Evaristo compromete-se em pôr em cena personagens marginalizados, vítimas do machismo, sexismo, racismo e seus silenciamentos. Este é o caminho forjado pela escritora para tecer histórias outras, onde os Outros da história terão lugar e novas possibilidades. Sabe-se que as narrativas ficcionais, se pretendem aludir à literatura de testemunho, devem “ser enunciadas aos leitores de antemão” (SELLIGMAN-SILVA, 2005 apud FIGUEIREDO; SANTOS, 2020, p. 302) para declarar o compromisso do autor com a “verdade”. Por certo, o autor, ao mesclar ficção e testemunho, “deve possuir, necessariamente, o compromisso de não vilipendiar a história” (SELLIGMAN-SILVA, 2005 apud FIGUEIREDO; SANTOS, 2020, p. 302).

Afrouxando os paradigmas apontados por Selligman-Silva, Conceição Evaristo tira partido de imbricações e potencialidades entre gêneros em seus escritos. Nas páginas iniciais de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, a autora privilegia as provocações quanto ao limiar existente entre narrador/personagem, narrador/autor e levanta suspeitas sobre a verossimilhança das histórias ali contadas, bem como sobre quem as narra. O antetexto da referida obra surge, então, como um forte e sólido contraponto ao reducionismo sem fundamentos da crítica, não só pela confissão da mescla “entre o vivido e o escrito” (EVARISTO, 2020, p. 7), mas pelo desafio que a narradora propõe aos leitores de “relatar fielmente algo que aconteceu” (EVARISTO, 2020, p. 7). Neste excerto, não se sabe nada a respeito da narradora além dos seus gostos como narradora-ouvinte: “*Gosto* de ouvir, mas *não sei se sou* a hábil conselheira. *Ouço* muito. Da voz outra, *faço* a minha, as histórias também” (EVARISTO, 2020, p. 7; grifo nosso).

Aos olhos de leitores desatentos, a escolha da autora em iniciar a obra por um discurso em primeira pessoa e carregado de opiniões “pessoais” seria suficiente tanto para defini-la como autobiográfica quanto para fazer acreditar que os relatos que virão a seguir tiveram como testemunha ocular a própria autora. Contudo, convém reconhecer o uso da primeira pessoa e do sujeito oculto nas frases como possível estratégia para incitar dúvidas quanto a quem pertence aquela voz narrativa. Evaristo fomenta esse questionamento ao declarar: “[...] estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas” (EVARISTO, 2020, p. 7).

Em outro momento, desfruta do poder e da liberdade criativa, características atribuídas à contação de histórias: “Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas” (EVARISTO, 2020, p. 7). Observa-se o recurso narrativo da autora para diferir o referido livro do gênero autobiográfico, pois ocupa-se, ao longo do texto, em “provocar uma recepção contraditória da obra” (FAEDRICH, 2015, p. 49) e brincar com os limites entre realidade e ficção. O antetexto se concretiza, então, como ferramenta encontrada pela autora para firmar um pacto paradoxal com seus leitores e romper com a premissa da veracidade sem sustentar a obra, integralmente, no princípio ficcional.

Dessa forma, “mesclam-se os dois, resultando no contrato de leitura, marcado pela ambiguidade, em uma narrativa intersticial” (FAEDRICH, 2015, p. 46). O uso desse instrumento evidencia a destreza de Conceição Evaristo em contrariar, nas entrelinhas, aqueles que, por porventura, acreditem que escritores advindos de grupos marginalizados não têm “arcabouço intelectual e estético para produzir literatura” (SOBRAL, 2019). O depoimento concedido no I Colóquio de Escritoras Mineiras comprova esse exercício, sobretudo se analisado o vínculo que detém com *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Nesse expediente, a autora diverte-se com a ambiguidade que produz no imaginário do leitor, principalmente por “chamar a atenção para a sua biografia por meio do texto ficcional” (FAEDRICH, 2015, p. 48) e salientar, no texto literário, passagens antes presentes em sua declaração.

**A antessala e a urdidura literária evaristiana em *Insubmissas lágrimas de mulheres***

A partir dessa perspectiva, nos ocuparemos em demonstrar o depoimento concedido no I Colóquio de Escritoras Mineiras como antessala de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, priorizando três temáticas, a saber: o choro, as flores e o céu. Destaca-se, nessa dinâmica de escrita, o movimento de subversão empreendido pelas mulheres negras que foram assoladas por “um misto de desespero, culpa e impotência” (EVARISTO, 2009, s/p). Tais sentimentos desaguam em seus textos e dos olhos das personagens, revelando o tino da autora ao destacar, no título da obra em questão, as lágrimas, tópico recorrente em suas produções literárias.

Por outro lado, a tradução francesa da obra assegura a presença de uma insubordinação feminina. Na edição publicada em 2018 pela editora Anacaona, *Insubmissas lágrimas de mulheres* foi traduzido por Paula Anacaona como *Insoumises[[3]](#footnote-3)*. Além disso, a edição francesa apresenta os seguintes dizeres em texto apócrifo que figura na contracapa: “A resignação não tem lugar nas vidas dessas mulheres: elas resistem, insubmissas às pressões e às agressões do racismo, do sexismo e das convenções sociais de uma sociedade ainda patriarcal”[[4]](#footnote-4).

Ainda no que tange às lágrimas, Evaristo investe na representação do choro para além de uma demonstração de fraqueza, explorando o potencial do lacrimejar como via de acesso a um processo catártico. Sob essa ótica, quando confere às lágrimas o papel de lamento, ocupa-se de posicioná-las em um momento passado. Evaristo coloca, não raro, o choro como ponto guardado na trajetória, “uma opressiva lembrança” (EVARISTO, 2020, p. 98) distante da realidade presente: “Minha mãe chorava muito, hoje não. Tem uma velhice mais tranquila” (EVARISTO, 2009). Como se vê, na tessitura evaristiana, o choro já estava associado ao feminino e à catarse no depoimento de 2009.

Em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, Conceição retoma este fio temático, alçando-o ao protagonismo de sua narrativa, o que se explicita na ilustração da capa da obra, uma mulher cujas lágrimas regam um vaso de flores que simboliza o coração. Nesta ilustração de Iléa Ferraz, o choro se nega a ocupar o lugar de lamento, de tristeza, de paralisia, o que demonstra a recusa das personagens em chorar “para dentro” (EVARISTO, 2020, p. 50) tornando o pranto alimento vital para o desenvolvimento das flores, assunto que retomaremos mais adiante nesta análise. Além de resgatar o tema, a autora promove um tipo de eco discursivo, haja vista que a sentença do depoimento aparece de modo extremamente similar na recolha de contos dois anos depois, como exemplificado neste trecho: “Sofreu muito, mas o sucesso da experiência autônoma de minha mãe trouxe para ele uma crença de que seria possível. E foi” (EVARISTO, 2020, p. 139). Este procedimento se torna caro ao público-leitor da escritora, pois ele é capaz de reconhecer esta urdidura na qual o texto passa a ser mais familiar, dando um caráter mais dialógico entre as produções do universo de Evaristo.

 Desta forma, para todo aquele que leu o depoimento realizado no I Colóquio de Escritoras Mineiras de 2009, o *Insubmissas lágrimas de mulheres* aprofunda ideias antes apresentadas e promove um *déjà vu* no mínimo acolhedor. Conceição Evaristo traz igualmente à superfície o não-lugar do pranto para alguns, posto que, nos relatos e nos seus escritos, “enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução” (EVARISTO, 2014, p. 114). Trata-se de um lamento-urgência daqueles que, privados até mesmo do direito ao pesar, aproveitam-se de qualquer comoção para desaguar: “Quando choro diante de novela, choro também por outras coisas e pela vida ser tão diferente. Choro por coisas que não gosto nem de pensar” (EVARISTO, 2014, p. 105). Evidencia-se, portanto, um movimento poético que procura contemplar personagens que carregam em si “águas correntezas” (EVARISTO, 2014, p. 18) e que tiram proveito das brechas encontradas para ultrapassar as barragens que impedem a irrupção do pranto.

Esse quadro está presente em outras obras literárias da autora, como *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* (2008) e *Olhos d’água* (2014), o que denota a manutenção da temática no universo da escritora. De toda forma, Conceição Evaristo privilegia a primeira obra ao citá-la explicitamente no ano seguinte a sua publicação no I Colóquio de Escritoras Mineiras, com a seguinte passagem:

Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia… (EVARISTO, 2017, p. 9)

No trecho acima, percebe-se, outra vez, o pranto que se transmuta, mas segue vigoroso até mesmo nas atividades do cotidiano. O eu-lírico enxerga-o na lavagem e secagem das roupas, na chuva e vê-se tomado “por uma comoção maior” (EVARISTO, 2017, p. 9). A partir da observação deste procedimento, vemos que além de se tornar um embrião para futuras publicações, este depoimento de 2009 deseja reavivar textos recém-publicados, como a primeira recolha de poemas. No que pese às flores, vê-se o interesse em duas frentes: a retomada de si mesmo e a esperança em uma realidade diferente.

O primeiro movimento reflete, em certa medida, o que antes foi dito a respeito da ilustração da capa na edição brasileira. A gravura dá vida ao que Evaristo descreve ao longo dos treze contos: para essas mulheres, o choro revela-se como etapa final de um processo catártico de luto iniciado no primeiro contato das depoentes com a ouvinte. Trata-se de uma via de mão dupla, pois essas mulheres, ao dividirem suas dores, atendem ao “afã de escuta” (EVARISTO, 2020, p. 69) da narradora. Ou ainda, como descrito na contracapa da edição francesa da obra, tem-se um: “Fio condutor desses retratos cheios de empatia: uma narradora em visita, que bate nas portas para escutar história”[[5]](#footnote-5)*.*

Porém, cabe ressaltar que algumas das depoentes percorreram o caminho inverso, partindo à procura da ouvinte, como no conto “Mary Benedita”: “Não imaginei, entretanto, que ela [...] tivesse vindo tão rapidamente à minha procura [...] Tímida, porém determinada, foi logo dizendo que precisava me contar algo de sua vida” (EVARISTO, 2020, p. 69). Esse movimento revela a angústia que as acompanha, tornando o desejo de fala em necessidade de desabafo. Assim, fazemos novamente menção à ilustração da capa da edição brasileira, uma vez que o florescer do coração, regado pelas lágrimas de uma mulher, representa a superação de cada uma delas dos traumas vividos, uma mudança possível somente após o compartilhamento de suas experiências com uma semelhante, alguém que também teve suas vivências “podadas”. Para elas, confessar essas memórias guardadas é como cultivar um novo solo, criar em si mesmas um terreno fértil para o (re)florescimento.

No conto “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, Evaristo demonstra esse processo de retomada do “Eu” utilizando como metáfora uma cidade interiorana, a pacata “Flor de Mim”. Nesse relato, o leitor acompanha a história de uma mulher sequestrada na infância que passa longos anos na tentativa de retornar à sua terra. Quando permitido, no entanto, hesita e decide retardar o regresso, seguir caminhos em outros lugares, com outras pessoas que não aquelas que já conhecia. A depoente justifica tal escolha pelo medo: “Acho que a coragem me faltou. Um temor me perseguia” (EVARISTO, 2020, p. 51). Esse temor consiste na inquietação da personagem quanto ao que encontraria ao olhar mais atentamente para suas dores, para a vida que conhecia antes do trauma e que, apesar de ainda existir em sua memória, poderia não mais corresponder à realidade:

Será que a cidade Flor de Mim ainda existia? Será que os meus ainda existiam? Será que, se eu chegasse por lá, eles ainda me reconheceriam como sendo uma pessoa da família? O tempo passando e Flor de Mim parecendo murchar em meus desejos. (EVARISTO, 2020, p. 51)

Evidencia-se, portanto, que a narrativa evaristiana representa mulheres vítimas de diversas opressões, violências estas que as afastaram do que realmente são, do que conheceram, do lugar de conforto e deixaram neste espaço a dormência, o entrave diante do recomeço. Assim, as flores retratam o momento em que estas personagens se reencontram e se reconhecem: “Um dia, aconteceu um fato que provocou um retorno a mim mesma” (EVARISTO, 2020, p. 52). Essas mulheres desabrocham e descobrem: “Flor de Mim estava em mim, apesar de tudo. Sobrevivemos, eu e os meus. Desde sempre” (EVARISTO, 2020, p. 54).

A capa da edição francesa da obra comprova esse despertar, pois exibe, em sua ilustração, um ramo de mulheres que seguram as mãos umas das outras. Quando vista a certa distância, essa corrente feminina se assemelha ao dente-de-leão e vai ao encontro dos seus simbolismos populares, também presentes na narrativa: esperança, otimismo e liberdade. As pétalas do dente-de-leão, se atingidas pelo vento, voam sem destino, liberdade concedida às depoentes ao se desacorrentarem dos traumas. Quanto à simbolização da esperança em dias melhores, as flores, nos escritos de Evaristo, são caracterizadas como o lembrete de que há mais do que tão somente infelicidades a serem sentidas. À vista disso, as flores se destacam no cenário de sofrimento para proporcionar certo conforto, como neste trecho da conferência que constitui, para nós, a antessala de *Insubmissas lágrimas de mulheres*: “Se muito de minha infância pobre, muito pobre, me doía, havia felicidades também incontáveis. As margaridas, as dálias e outras flores de nosso pequeno jardim” (EVARISTO, 2009, s/p).

Por último, Evaristo concebe o céu como observador onipresente e onisciente, fonte de conhecimento transmitido por gerações, como demonstra no depoimento proferido no Colóquio de 2009: “O céu, as nuvens, as estrelas, sinais do infinito que minha e mãe e tia nos ensinaram a olhar e a sentir” (EVARISTO, 2009). Este, por sua vez, aponta o sol como figura de acolhimento, clareza e segurança, capaz de nutrir a crença dos personagens em uma reviravolta positiva nos dias nebulosos:

Sem que ninguém percebesse, alisei o chão e catei alguns fragmentos. Tive um desejo louco de tocar as minhas mãos com a boca. Era ali que a minha mãe desenhava o sol para chamá-lo à terra, quando o tempo estava encharcado de chuva e as nossas latas vazias de alimento. (EVARISTO, 2009, s/p)

Na presença do sol, os personagens são acometidos pela boa-venturança e apreciam e/ou realizam desde as atividades cotidianas às mais importantes, como na passagem recuperada do depoimento: “O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz” (EVARISTO, 2017, p. 9). Tem-se ainda os imaginários populares do lugar ao sol e da luminosidade atribuída ao parto, mesmo que o primeiro seja representado na narrativa com a premissa de um descanso eterno: “Eu espero, sem pressa alguma, a hora do meu poente…” (EVARISTO, 2020, p. 140). O segundo corresponde ao nascimento, o momento em que uma das personagens dá à luz, traz os filhos ao mundo sob a presença cuidadosa do sol: “Tivemos cinco filhos e todos nasceram *antes do sol se pôr*” (EVARISTO, 2020, p. 140; grifo nosso). Além disso, nota-se o fio poético tecido entre a representação do choro e a do sol, pois a obra, iniciada por um relato de dor, desamparo e pranto, encerra-se com a secagem das lágrimas em um cenário de laços familiares e afetivos sólidos.

Percebe-se uma conexão semelhante entre inícios e fins ao compararmos o antetexto da antologia e o depoimento concedido no Colóquio em 2009. Como antes mencionado, Evaristo inicia a recolha de contos estabelecendo um pacto de leitura, momento no qual desperta a curiosidade do leitor sobre estar ou não diante de uma obra ficcional. Para tanto, a narradora dos contos confessa não ter total autoria sobre as histórias que virão a seguir, porém reconhece, em certa medida, que elas “às vezes, se *(con)fundem*” (EVARISTO, 2020, p. 7; grifo nosso) com as suas. Nesse mesmo ângulo, destacamos o final do depoimento supramencionado e os jogos de palavras arquitetados por Evaristo: “Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem [...] E como a escrita e o viver se *con(fundem)*, sigo eu nessa escrevivência” (EVARISTO, 2009, s/p; grifo nosso). Assim, revela-se o uso da mesma estrutura textual, dos mesmos termos e jogo de palavras neles empregados tanto para iniciar *Insubmissas lágrimas de mulheres* quanto para concluir o depoimento analisado. Para além disso, ao declarar que em seus depoimentos “as imagens se confundem” (EVARISTO, 2009, s/p), a autora reitera a hipótese desenvolvida ao longo deste artigo de que seus escritos se encontram, mesclam e se complementam, corroborando com a ideia de que o depoimento pode ser lido como antessala da antologia publicada em 2011. Dessa forma, cabe refletir se a mesma não seria também um pré-texto para obras futuras, pois as duas produções analisadas não têm um final definido e se encerram com pontos de reticência.

As últimas palavras no I Colóquio de Escritoras Mineiras configuram um convite para que os ouvintes conheçam suas obras, movimento colocado em prática no acolhimento de textos pregressos (EVARISTO, 2009), que não são, todavia, identificados explicitamente. A artimanha incentiva os leitores a mergulharem em seus escritos, uma espécie de caça ao tesouro literária, o que acentua a espiralidade da obra evaristiana. Essa atitude vai ao encontro de sua fala em entrevista acordada em 2018: “não leiam apenas minha biografia, porque ela é importante sim, porque ela contamina meu texto, mas por favor leiam meu texto” (EVARISTO, 2018, s/p). O pedido de Conceição Evaristo reforça o pré-julgamento da crítica literária, ao qual já fizemos menção, quando “dizem que a autoria negra é uma autoria de militância” (EVARISTO, 2018, s/p), perpetuando o descrédito concedido às produções literárias de autoras e autores negros.

**Considerações finais**

O projeto literário de Conceição Evaristo compõe uma verdadeira arquitetura textual, construída a partir de um planejamento meticuloso e distante da espontaneidade. O aprofundamento e leitura em publicações da autora nos mais variados gêneros mostram como as obras conversam, ecoam umas nas outras, trazem personagens e histórias que se interligam. Esse procedimento de escrita comprova uma extrapolação da circularidade literária da autora, não limitada nem mesmo pelo gênero, e que vai contra o imaginário de que, enquanto mulher negra, seria incapaz de produzir literatura.

Dito de outra forma, percebe-se a perspicácia de Evaristo na composição de uma estética própria, uma vez que sua escrita evidencia uma historiografia literária e traz à superfície um *modus operandi* sofisticado que está quer seja na ambiguidade promovida por ela quer seja na refutação ao rebaixamento imposto pelas críticas literárias às suas obras, uma vez que a escrita negra não é acreditada (EVARISTO, 2018). Segundo a autora, o descrédito direcionado não apenas às suas produções literárias, mas também a de outros escritores negros “faz parte desse imaginário, desse preconceito e racismo que vigoram na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2018, s/p). Assim, não causa espanto o fato de suas obras serem reconhecidas primeiro fora do Brasil, para só então receberem destaque no país de origem.

Evaristo declara ainda que há uma herança histórica do povo negro presente em seu texto como memória (EVARISTO, 2018), razão pela qual retoma e descreve acontecimentos do cotidiano em seus escritos. Nesta seara narrativa, verifica-se que a própria existência do depoimento concedido em 2009 impacta a recepção crítica de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, pois vê-se a costura entre fala e escrita, “real” e ficcional, bem como a aproximação entre as críticas que a inferiorizam e a reafirmação do seu ofício como escritora. Ao cotejar os textos, fica claro que o que está na boca dos personagens, foi dito e publicado por Evaristo anteriormente. Nota-se, em sua “Escrevivência”, um percurso semelhante ao empreendido por seus personagens, pois, assim como a autora, soltam o verbo quando têm a oportunidade (EVARISTO, 2009). Trata-se de sua escolha em difundir debates que refletem o quadro social reproduzido da colonização aos dias de hoje e acolher, em suas obras, o racismo, a marginalização, as violências, ausências e dores que atingem corpos negros, com destaque para os relatos de mulheres negras, pois os contos centram-se na experiência feminina.

Por fim, ao buscar explicitar parte da urdidura evaristiana, este artigo intencionou ampliar fortunas críticas atentas aos atravessamentos e às interseccionalidades de gênero, raça, socioeconômica etc, que se imprimem em diversas camadas em suas produções, profundamente marcadas pela sua condição de mulher negra na sociedade brasileira.

**Referências bibliográficas**

ADICHIE, Chimamanda. *O perigo da história única*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019

ALEXANDRE, Marcos Antônio. *Representações performáticas brasileiras*: teorias, práticas e suas interfaces. Rio de Janeiro: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.

CAMPOS, Mateus; BIANCHI, Paula. Como Conceição Evaristo perdeu sua cadeira na ABL. *The Intercept Brasil*. 2018. Disponível em: https://theintercept.com/2018/08/30/conceicao-evaristo-escritora-negra-eleicao-abl/. Acesso em: 03 jun. 2022.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de hoje*, v. 42, n. 4. 2007.

DE OLIVEIRA, Marcelo de Jesus; DE CAMARGO SAMPAIO, Juliano Casimiro. Sobre escravos, pobres e periféricos: a escrita de Conceição Evaristo. *Revista Língua & Literatura*, v. 23, n. 41, p. 20-32, 2021.

DIAS, André. *Lima Barreto e Dostoiévski*: vozes dissonantes. Niterói: EdUFF, 2012.

EVARISTO, Conceição. *Conceição Evaristo por Conceição Evaristo*. Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG Disponível em http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo. Acesso em 16 nov. 2022.

EVARISTO, Conceição. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado em 30 set. 2010, Rio de Janeiro.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d’água*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014

EVARISTO, Conceição. *Insoumise*s. Tradução de Paula Anacaona. Paris: Anacaona., 2016.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 4. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

FAEDRICH, Anna. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. *Itinerários–Revista de Literatura*, n. 40, p. 45-60, 2015.

FARENCENA, Ilcemara Regina; SILVA, Olívia Aparecida; MORAIS, Maria Perla Araújo. Maria e Duzu-Querença: o lugar de fala nos contos de Conceição Evaristo. *Humanidades & Inovação*, v. 6, n. 5, p. 138-144, 2019.

FERREIRA, Luciana Pereira Queiroz Pimenta et al. A escrevivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência. *Letras de hoje*, v. 56, n. 2, p. 251-261, 2021.

FIGUEIREDO, Cesar Alessandro Sagrillo; DA SILVA SANTOS, Jacielle. Literatura do testemunho no Brasil. *EntreLetras*, v. 11, n. 22, p. 300-316, 2020.

GUIMARÃES, Juca. Conceição Evaristo: “Não leiam só minha biografia. Leiam meus textos”. *Brasil de fato*. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2018/11/20/conceicao-evaristo-nao-leiam-so-minha-biografia-leiam-meus-textos. Acesso em: 15 out. 2022.

HUSTON, Nancy. *A espécie fabuladora: um breve estudo sobre a humanidade*. Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2010.

LIMA, Omar da Silva. *O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães*. Tese de doutorado em Literatura na Universidade de Brasília, 2009.

MACIEL, Carolina Pina Rodrigues. Literatura de testemunho: leituras comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Immaculée Ilibagiza e Michel Laub. *Opiniães*, n. 9, p. 74-80, 2016.

SOBRAL, Cristiane. A cor me fez escritora. *O Globo*. 2019. Disponível em: https://oglobo.globo.com/epoca/a-cor-me-fez-escritora-23635869. Acesso em: 14 maio 2022.

Recebido em 06/04/2023

Aceito em 15/06/2023

1. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (Niterói, Rio de Janeiro, Brasil). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2977695504057703> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2940-7931> E-mail: vanessamassonirocha@gmail.com

 [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduanda em Letras (Português-francês) no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (Niterói, Rio de Janeiro, Brasil). Desenvolve projeto de Iniciação Científica com bolsa do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5324997747362312> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1469-4392> E-mail: lucielys@id.uff.br [↑](#footnote-ref-2)
3. Insubmissas; (tradução nossa) [↑](#footnote-ref-3)
4. La résignation ne trouve aucune place dans les vies de ces femmes: elles résistent, insoumises aux pressions et aux agressions du racisme, du sexisme et des conventions sociales d'une société encore patriarcale. (tradução nossa) (EVARISTO, 2016) [↑](#footnote-ref-4)
5. Fil directeur de ces portraits pleins d’empathie: une narratrice en visite, qui toque aux portes pour écouter des histoires. (tradução nossa) (EVARISTO, 2016) [↑](#footnote-ref-5)